

EXERCÍCIO DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: USO DO PRESERVATIVO MASCULINO POR ADOLESCENTES

Karenina Elice Guimarães Carvalho*
Ednaldo Cavalcante de Araújo**

RESUMO

Trata-se de estudo exploratório-descritivo de abordagem quantitativa, realizado com 71 adolescentes do Grupo AdoleScER, da cidade do Recife, Pernambuco, que tem o objetivo de investigar o conhecimento e as informações de adolescentes sobre o preservativo masculino. Os dados foram coletados através da aplicação do modelo adaptado de questionário CAP (conhecimento, atitudes e práticas) e analisados nos programas EPI6 e Statistical Package for the Social Science. O preservativo masculino foi conhecido por 68 participantes; as informações sobre este foram adquiridas no Grupo AdoleScER (25%) e na Escola (24,3%); 4,2% dos sujeitos usam o preservativo para evitar gravidez; 4,2% para prevenir Infecções Sexualmente Transmissíveis; 7% referiram que um dos motivos para não usar o preservativo masculino é a diminuição do prazer sexual; no caso da parceira não querer o usar o preservativo no momento da relação; 8,4% insistiram no uso e recusaram ter relação sem o preservativo; e 8,4% responderam que sempre o usam em relacionamentos estáveis. Tais resultados orientam para a execução de ações de Educação em Saúde sexual, como o uso o adequado dos preservativos para os adolescentes.

Palavras-chave: Adolescente. Doenças Sexualmente Transmissíveis. Preservativos.

INTRODUÇÃO

A adolescência caracteriza-se como a fase da vida marcada por mudanças físicas, psicológicas, emocionais e sociais que ocorre entre a infância e a idade adulta, as quais influenciarão na formação da personalidade e tomada de decisões^(1,2).

As transformações dessa fase fazem com que o adolescente viva intensamente sua sexualidade. Esta se refere a um conjunto de comportamentos complexos que envolvem a busca da satisfação pessoal, indo além dos aspectos biológicos e genitais. Trata-se de algo importante na construção da identidade e essencial para o desenvolvimento integral do ser humano. A sexualidade traduz amor, afetividade, busca de prazer e também genitalidade, aquela deve ser situada no contexto do relacionamento, do prazer e da responsabilidade⁽³⁾.

O exercício da sexualidade traz implicações no processo reprodutivo e na saúde biopsicossocial do adolescente. A liberação dos costumes e a erotização pelas mídias vêm lhe estimulando a ter uma iniciação sexual cada vez mais precoce. Sua decisão de iniciar as relações

sexuais sem planejamento e uso adequado de proteção pode gerar situações indesejadas como a ocorrência de gravidez, aborto e Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST. Tais situações repercutem não apenas na fase da adolescência como também na vida adulta⁽⁴⁾. É sabido que o uso do preservativo masculino ou do feminino representa dupla proteção para os adolescentes, pois diminui a possibilidade para a ocorrência de gravidez e IST⁽²⁾.

Em face ao exposto, que reflete a necessidade do uso do preservativo pelos adolescentes como método de prevenção e promoção à saúde sexual e a Enfermagem estando comprometida com a construção e significação do autocuidado para este grupo, desenvolveu-se esta pesquisa que investigou o conhecimento e as informações de adolescentes sobre o preservativo masculino. Estudos revelam que o preservativo masculino é mais conhecido pelo público adolescente como forma de prevenção às IST, ao Vírus da Imunodeficiência Humana – HIV e à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS e também como método contraceptivo, em detrimento do preservativo feminino, fato que está associado à divulgação pelas mídias, à

*Enfermeira. Especialista em Saúde da Criança na Modalidade Residência pelo IMIP/PE. Mestra em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco, Recife/ PE. E-mail: karenalice@hotmail.com.

**Pós-doutor pela Université René Descartes. Departement des Sciences Sociales. Faculté des Sciences Humaines et Sociales. Sorbonne, Paris V, France. Professor do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco. Recife/PE. E-mail: ednenjp@gmail.com

acessibilidade nos serviços de saúde, ao baixo custo e ao aspecto^(4,5,6).

METODOLOGIA

Estudo exploratório-descritivo de abordagem quantitativa realizado no Grupo AdoleScER – Saúde, Educação e Cidadania, que é uma organização da sociedade civil com sede em Recife/PE, cujo propósito é contribuir para a formação humana com atividades educativas, baseadas em valores como a paz, o amor, a não-violência. Atuando nas comunidades de Santo Amaro, Santa Luzia, Roda de Fogo e Caranguejo, o Grupo atende crianças e adolescentes estudantes de baixa renda que se tornam multiplicadores e corresponsáveis pela melhoria de sua qualidade de vida.

Frequentam o Grupo 109 adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária dos 10 aos 15 anos. Para participar da pesquisa, os critérios de inclusão foram que o pai, a mãe ou o responsável entendesse as exigências e procedimentos do estudo explicados no termo de Consentimento Livre e Esclarecido, dando sua autorização para que o adolescente participasse da pesquisa. Outro critério foi que o adolescente deveria estar na faixa etária dos 10 aos 14 anos, devido a fase inicial, deste período, ser a de maior turbulência, vinculada às grandes mudanças, principalmente, corporais, que impõem outras no campo psíquico, emocional, social, na relação com familiares, o começo da formação de grupos de iguais e da tomada de decisões⁽⁷⁾. Como critérios de exclusão, adotaram-se a incapacidade ou recusa do seu pai, da mãe ou do responsável em fornecer tal autorização e estar fora da faixa etária. Assim, atendendo aos critérios, a amostra contou com 71 adolescentes de ambos os sexos.

A fim de possibilitar ajustes de natureza semântica e de conteúdo no questionário, foi realizado um pré-teste com cinco adolescentes da mesma faixa etária voluntários de uma das comunidades. Após responderem ao questionário, os alunos participaram de discussão conjunta sobre a experiência, intercambiando suas percepções a respeito das perguntas contidas no instrumento.

Após análise das informações colhidas, o questionário, em versão final, foi aplicado com

perguntas fechadas e de múltipla escolha, englobando variáveis de identificação socioeconômicas e demográficas (idade; sexo; comunidade a que pertence; série que está cursando; religião; pessoas com quem mora; renda fixa da família), variável de identificação sexual (idade da primeira relação sexual) e variáveis relacionadas ao uso do preservativo masculino (conhecimento do preservativo masculino; aquisição de informações sobre o preservativo masculino; motivo de usar ou não usar o preservativo em relações sexuais). Tal instrumento foi adaptado do modelo CAP (comportamentos, atitudes e práticas) – 7.0⁽⁸⁾ que serviu para a coleta dos dados nos meses de maio a julho de 2011 nas quatro comunidades de atuação do Grupo AdoleScER e, em seguida, foram agrupados e processados nos programas EPI6 e *Statistical Package for the Social Science* (SPSS) versão 13, sendo construídas as distribuições de frequência absoluta e simples dos fatores avaliados.

A pesquisa obedeceu às normas da Resolução 196, de 10 outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, atendendo aos princípios éticos da autonomia, beneficência, não maleficência e justiça. A investigação do conhecimento e informações sobre o uso do preservativo masculino faz parte do Projeto PIBIC “*Promoção da saúde e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis entre estudantes: uso e aceitação dos preservativos*”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE, conforme protocolo de número 191/2010. A coleta de dados iniciou-se após autorização da comissão administrativa do Grupo AdoleScER e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos pais dos adolescentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 71 adolescentes que participaram desse estudo, 24(33,8%) indivíduos tinham idade de 13 anos, 41 (57,7%) eram do sexo feminino, 21 (29,6% para cada) eram da comunidade de Caranguejo ou Santa Luzia, 65 (91,5%) estudavam entre a 5ª e 9ª série, 37 (52,2%) não possuíam religião, 68 (97,1%) não trabalhavam, 24 (33,8%) moravam com pais e irmãos e a família de 36 (52,9%) tinham como renda fixa a Bolsa Família.

O preservativo masculino era conhecido por 68 (95,8%) participantes do estudo. Na questão sobre aquisição de informações sobre tal, o adolescente poderia marcar mais de uma alternativa. As informações, então, foram adquiridas principalmente no Grupo AdoleScER, em que se obteve 38 (25%) respostas e na Escola com 37 (24,3%). Observa-se pequena diferença percentual entre os resultados, pelo fato de que o Grupo AdoleScER, em seus cursos de formação, aborda temáticas como saúde reprodutiva e direitos sexuais, prevenção das IST/HIV e Aids, da gravidez inoportuna e aborto, corroborando com a ideia de que a escola é um pilar na integração entre saúde e educação.

A inclusão da educação sexual no currículo das escolas de ensino fundamental e médio é uma discussão que vem se intensificando desde a década de 70⁽⁹⁾. A escola, então, ao assumir o compromisso com a orientação sexual, poderá ser capaz de contribuir para que o público adolescente desenvolva a comunicação nas relações interpessoais, elabore valores a partir do pensamento crítico, compreenda o próprio comportamento e tome decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual⁽⁹⁾. Deve primar, ainda, por possibilitar o exercício e o desenvolvimento de sua sexualidade com responsabilidade e prazer, vinculada ao exercício pleno da cidadania na medida em que, de um lado se propõe a trabalhar o respeito por si e pelo outro e, por outro lado, buscando garantir direitos básicos a todos como saúde, informação e conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades⁽¹⁰⁾.

Assim, a escola desenvolve papel importante, divulgando conhecimentos com qualidade, sendo fundamental para a educação sexual de adolescentes. Os professores, então, tornam-se referência para o esclarecimento de dúvidas e orientação quanto a práticas sexuais mais seguras.

As mídias (internet, televisão, revistas, jornais e anúncios) foram assinaladas por 36 (23,7%) indivíduos; já os serviços de saúde, por 24 (15,8%), e os amigos, por 17 (11,2%). A família não foi citada por nenhum adolescente. Tais resultados discordam de estudo que apresentou a família e os amigos como a principal fonte de informações sobre temas ligados a sexualidade⁽⁴⁾.

A família é compreendida como parte fundamental da orientação sexual dos adolescentes e a busca de informação nesse núcleo é importante visto a participação na formação integral do adolescente. Deve-se considerar que o exercício da sexualidade na adolescência ainda é visto com preconceito e permeado por crenças transmitidas ao longo das gerações. A família, então, precisa ser apreendida em sua historicidade e permanente transformação, envolvendo estruturas, finalidades, significados diversos, bem como compromissos, interações, desempenho de papéis e transmissão de cultura, hábitos, valores, modos de vida⁽⁴⁾.

Já com os amigos, os adolescentes sentem-se mais a vontade para conversar com pessoas do mesmo grupo social, que falam a mesma linguagem. É característica dos adolescentes buscar em um grupo a sua identidade, as respostas para as suas inquietações, a expressão dos anseios e a troca de informações e experiências⁽¹¹⁾. No entanto, é preocupante o compartilhamento de vivências entre os adolescentes, visto que há possibilidade de reprodução e adoção de comportamentos, práticas e experiências sexuais que podem por em risco a saúde reprodutiva.

Os resultados apresentados reforçam a necessidade de maior participação dos serviços de saúde, que ficou em quarto lugar nas respostas dos entrevistados, no tocante ao desenvolvimento de ações educativas com o grupo etário, principalmente na execução de intervenções que priorizem a participação familiar e a formação de grupos de adolescentes multiplicadores de informações, além do reforço na parceria com as escolas. É importante que o enfermeiro participe dessas atividades, capacitando professores, elaborando oficinas e acompanhando as famílias.

Dos adolescentes pesquisados, oito (11,3%) já tiveram relações sexuais e eram do sexo masculino, como encontrado em outro estudo⁽¹²⁾. Destes, quatro (5,6%) informaram que a primeira relação foi aos 10 anos de idade. Com a maior abertura sexual, há possibilidade de multiparcerias na adolescência, o que contribui para a iniciação sexual, reforçando a preocupação com os comportamentos sexuais adotados por esse grupo, que podem expor o adolescente a possíveis situações de vulnerabilidade biológica para as IST⁽¹³⁾. Este fato alude para a necessidade de ações em saúde sexual na fase inicial da

adolescência, assegurando o exercício da sexualidade com menos riscos.

Sobre as práticas do uso do preservativo masculino, apenas os oito (11,3%); adolescentes que tiveram relações sexuais responderam aos quesitos. Quando questionados sobre o motivo de ter usado o preservativo em alguma relação sexual, três (4,2%) dos sujeitos responderam *para evitar gravidez* e três (4,2%) responderam *para prevenir IST/HIV-AIDS*. Neste quesito, o adolescente poderia marcar mais de uma alternativa, o que sugere o desconhecimento dos entrevistados sobre a dupla proteção contra a gravidez e IST oferecida pelo preservativo masculino. Estudos apresentam o preservativo como o método contraceptivo mais conhecido pelos adolescentes^(4,6). Outros estudos trazem-no como o principal método de prevenção das IST^(2,5). Ressalta-se que, o desconhecimento sobre práticas de sexo à saúde reprodutiva somado às transformações biológicas, psicológicas e sociais próprias da fase, tornam o adolescente mais vulnerável aos danos recorrentes do sexo desprotegido⁽¹³⁾. Diante disto, é interessante que o trabalho de promoção da saúde sexual aborde o uso do preservativo masculino enfocando a sua dupla proteção.

Em contrapartida, ainda sobre as práticas de uso do preservativo masculino, cinco (7%) referiram que um dos motivos para não o usar é a diminuição do prazer sexual, corroborando com o encontrado em um estudo⁽⁹⁾. A adesão ao uso do preservativo masculino é influenciada por crenças e tabus disseminados no meio social em que vive o adolescente, os quais podem aumentar as chances de gravidez ou infecção pelas IST. Os autores/facilitadores de um dos estudos, para desmistificar esta concepção, demonstraram que o látex do preservativo não diminui a sensibilidade do pênis e argumentaram que o preservativo pode até ajudar a melhorar a relação sexual em virtude de algumas inovações, como aromas e cores diversas. Os adolescentes ficaram entusiasmados e alguns verbalizaram que essas inovações são *legais* e podem *apimentar* a relação⁽⁹⁾.

No caso da parceira não querer o usar o preservativo no momento da relação, seis (8,4%) dos sujeitos da pesquisa insistiram no uso e recusam ter relação sem o preservativo. Quando questionados sobre o uso do preservativo em uma relação estável (parceira com mais de um mês de

relacionamento), seis (8,4%) responderam que sempre usam o preservativo masculino. Tais resultados são positivos quando associamos a prevenção para IST/HIV, AIDS e gravidez, pois demonstram que os adolescentes podem ter consciência da necessidade do uso do preservativo, o que se observa também em outras pesquisas^(4,5).

Com relação ao termo “relação estável”, o tempo do relacionamento afetivo sexual considerado como estável ou não, constitui como uma forma de reconhecer os acontecimentos do cotidiano a partir de explicações oriundas de atitudes positivas para a manutenção do status social da união afetiva sexual, condicionando comportamentos de fidelidade, cumplicidade e responsabilidade tanto masculinos quanto femininos, que se dão pela necessidade de identificar como os parceiros se afirmam. Na realização do pré-teste, questionou-se aos participantes o que seria um relacionamento estável e estes apontaram que seria mais de um mês de relacionamento com a mesma pessoa; “*já pode ser um namoro...*” como nas palavras de um dos participantes.

Mesmo que a maioria dos adolescentes tenha respondido positivamente quanto ao uso do preservativo, uma pesquisa mostrou que o conhecimento, a confiança e o aumento do tempo de relacionamento com determinado parceiro contribuem para a diminuição do uso do preservativo nas relações sexuais⁽⁴⁾.

Isto enfatiza a necessidade de maior divulgação e disponibilidade do preservativo masculino em atividades junto aos adolescentes para que o uso se torne frequente e contínuo, independente do tipo de relacionamento estabelecido, proporcionando autonomia, responsabilidade, respeito, segurança e prazer para os adolescentes.

CONCLUSÃO

Os resultados demonstraram que os adolescentes conheciam o preservativo masculino e associavam seu uso à prevenção da gravidez, das IST/HIV e AIDS, sendo as informações sobre este adquiridas no Grupo AdoleScER. No entanto, é necessário maior esclarecimento sobre a dupla proteção que o método oferece. Os participantes do estudo afirmaram que se recusam a ter relação sexual sem o preservativo e que

mesmo numa relação estável continuam a utilizá-lo, inferindo-se que o grupo pode ter consciência da necessidade do uso do preservativo tanto para evitar gravidez como doenças. Contudo, aspectos culturais, como a crença na diminuição do prazer associada ao uso do preservativo masculino, influenciaram na resposta quanto ao não uso do preservativo, abrindo uma lacuna para a vulnerabilidade e necessitando maior divulgação de informações.

Este estudo fortalece a ideia de que a discussão do exercício da sexualidade na adolescência deve contemplar aspectos culturais, sociais e afetivos que influenciam o modo de agir nesse período da vida. Profissionais como o enfermeiro, no trabalho com adolescentes, devem acolhê-los e envolvê-los de forma dinâmica e dialética, sendo o conhecimento formado a partir da troca de informações e da discussão da realidade, com a conscientização sobre riscos e formação de autonomia no cuidado a saúde.

Exalta-se a importância de programas e ações de Educação em Saúde na disponibilização de informações em saúde sexual, como o uso adequado dos preservativos, para os adolescentes. Tais ações devem dar oportunidade ao adolescente de questionar, envolver-se e participar, discutindo suas dúvidas, expondo suas angústias, crenças e tabus, trazendo também a família para o cenário das discussões.

É importante destacar que, o enfermeiro como educador em saúde tem papel significativo na saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Ele é agente transformador da realidade no momento em que planeja e executa atividades que favoreçam discussão, troca de experiências, debate, reflexão e modificação de atitudes dos adolescentes, atuando também como articulador entre equipe de saúde, família e escola. Assim sendo, o exercício da sexualidade na adolescência precisa de enfoque multidisciplinar, que assegure a vida saudável com menos riscos para os adolescentes e toda a sociedade.

EXERCISE OF ADOLESCENT SEXUALITY: THE USE OF MALE CONDOM BY TEENAGERS

ABSTRACT

This is an exploratory and descriptive study with a quantitative approach, conducted with 71 teenagers who participate in the group AdoleScER, in Recife, Pernambuco, which aims to investigate the knowledge and information of teenagers about condoms. Data were collected through the application of the adapted model of questionnaire KAP (Knowledge, attitudes and practices) and analyzed using the software Epi6 and Statistical Package for the Social Sciences. The male condom has been known for 68 participants, the information on this group were acquired in the group AdoleScER (25%) and in school (24.3%), 4.2% of subjects use a condom to prevent pregnancy, 4.2% for prevent Sexually Transmitted Infections, 7% reported that one of the reasons for not using condoms is the reduction of sexual pleasure, if the partner does not want to use a condom at the time of the sexual intercourse; 8.4% insisted on the use and refused to have intercourse without a condom; and 8.4% answered that they always use in stable relationships. These results guide for the implementation of actions for sexual health education, such as the proper use of condoms to teenagers.

Keywords: Adolescents. Sexually Transmitted Diseases. Condoms.

SENTIMIENTOS DE LOS CLIENTES PARAPLÉJICOS CON LESIÓN MEDULAR Y CUIDADORES: IMPLICACIONES PARA LA ATENCIÓN DE ENFERMERÍA

RESUMEN

Se trata de un estudio exploratorio-descriptivo de abordaje cuantitativo, realizado con 71 adolescentes del Grupo AdoleScER, de la ciudad de Recife, Pernambuco, que tiene el objetivo de investigar el conocimiento y las informaciones de adolescentes sobre el preservativo masculino. Los datos fueron recolectados a través de la aplicación del modelo adaptado de cuestionario CAP (conocimiento, actitudes y prácticas) y analizados en los programas EPI6 y Statistical Package for the Social Science. El preservativo masculino fue conocido por 68 participantes; las informaciones sobre éste fueron adquiridas en el Grupo AdoleScER (25%) y en la Escuela (24,3%); 4,2% de los sujetos usan el preservativo para evitar el embarazo; 4,2% para prevenir Infecciones Sexualmente Transmisibles; 7% refirieron que uno de los motivos para no usar el preservativo masculino es la disminución del placer sexual; en el caso de que la compañera no quiera usar el preservativo en el momento de la relación; 8,4% insistieron en el uso y rechazaron tener relación sin el preservativo; y 8,4% respondieron que siempre lo usan en relaciones estables. Tales resultados orientan para la ejecución de acciones de Educación en Salud sexual, como el uso adecuado de los preservativos para los adolescentes.

Palabras clave: Adolescente. Enfermedades Sexualmente Transmisibles. Preservativos.

REFERÊNCIAS

1. Veiga MBAV, Pereira AL. Opinião de jovens do sexo masculino sobre contracepção, gravidez não planejada e aborto induzido. *Cienc cuid saude*. 2010; 9(4):682-9.
2. Moura ERF, Souza CBJ, Almeida PC. Adesão de adolescentes de um serviço de saúde de fortaleza ao uso de condom e fatores associados. *Cienc cuid saude*. 2009; 8(1):11-8.
3. Albuquerque PP. Sexualidade e deficiência intelectual: um curso de capacitação para pais. *Psicol Argum*. 2011; 29(64):109-19.
4. Oliveira DC, Pontes APM, Gomes AMT, Ribeiro MCM. Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do rio de janeiro. *Esc Anna Nery*. 2009; 13(4):833-41.
5. Bretas JRS, Ohara CVS, Jardim DP, Muroya RL. Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. *Rev Esc Enferm USP*. 2009; 43(3):551-7.
6. Camargo EAI, Ferrari RAP. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Cienc saude colet*. 2009; 14(3):937-46.
7. Fernandes EC. Marco conceitual da adolescência e juventude. Curso PROMATA – IMIP [Impresso]; 2009.
8. Antunes MC et al. Evaluating an AIDS sexual risk reduction program for young adults in public night schools in São Paulo, Brazil. *Aids*. 1997; 11(Suppl 1):121-7
9. Fonseca AD, Gomes VLO, Teixeira KC. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos(as) de enfermagem. *Esc Anna Nery*. 2010; 14(2):330-7.
10. Araujo EC, Vasconcelos EMR, Torres AL, Carvalho KEG. Gênero e o exercício da sexualidade na adolescência. In: Araujo EC, organizador. Aspectos psicossociais e físicos da saúde dos adolescentes: uma visão multidisciplinar. Recife: Editora Universitária da UFPE; 2010. p. 57-74.
11. Oliveira SG, Ressel LB. Grupos de adolescentes na prática de enfermagem: um relato de experiência. *Cienc cuid saude*. 2010; 9(1):144-8.
12. Theobald VD, Nader SS, Pereira DN, Gerhardt CR, Oliveira FJM. A universidade inserida na comunidade: conhecimentos, atitudes e comportamentos de adolescentes de uma escola pública frente a doenças sexualmente transmissíveis. *AMRIGS*. 2012; 56(1):26-31.
13. Dias FLA, Silva KL, Vieira NFC, Pinheiro PNC, Maia CC. Riscos e vulnerabilidade relacionados a sexualidade na adolescência. *Rev enferm UERJ*. 2010; 18(3):456-6.

Endereço para correspondência: Karenina Elice Guimarães Carvalho.R. Des. Aurélio M. de Albuquerque, 252, Apto. 103, Ed. Alabastro. Jardim Cidade Universitária, João Pessoa/ PB. CEP: 58052-160.

Data de recebimento: 23/11/2011

Data de aprovação: 06/09/2013